



## **A MULHER EM FRANKENSTEIN: da pena à tela**

Sueleny Ribeiro Carvalho

(Universidade Federal de Santa Maria, suelenycarvalho@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho pretende observar como ocorre a representação do feminino através do estudo da personagem Elizabeth no filme *Frankenstein de Mary Shelley*. Para tanto, devemos considerar o fato de que o filme trata-se de uma tradução intersemiótica da obra de Mary Shelley, portanto analisaremos os códigos utilizados para a sua construção na narrativa literária e na narrativa fílmica a fim de verificarmos, por meio da comparação entre as duas formas de produção artística, a presença simultânea da maternidade e da sexualidade na personagem do filme de Branagh. De acordo com Diniz (1999) o tradutor tem liberdade para modificar uma situação de cena, do texto para o filme, ampliando-a ou reduzindo-a ou ainda pode escolher representá-la por meio de outros instrumentos simbólicos. Essas modificações visam atender às necessidades do gênero cinema. Embora baseado em uma obra de autoria feminina, não podemos desconsiderar o fato de que o filme *Frankenstein de Mary Shelley* é fruto de uma visão masculina posto que a direção deve-se à Kenneth Branagh. Além disso, segundo Ann Kaplan (1995 p.33) “o cinema dominante tira partido do ato de olhar”. Esse olhar sendo predominantemente masculino é responsável pela construção de uma imagem fetichizada da mulher, geralmente dividida entre a maternidade e a feminilidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema, Feminino, Maternidade, Sexualidade.

### **1 INTRODUÇÃO**

Baseado na obra de Mary Shelley, o filme de Kenneth Branagh pode ser classificado como uma “tradução intersemiótica”. Esse processo de tradução torna-se complexo pela diferença no tipo de códigos utilizados em cada sistema, o literário e o cinematográfico.

No campo de produção cinematográfico, sobretudo na tradução intersemiótica de uma obra literária, aliam-se aos elementos fundamentais da narrativa outros tipos de elementos oriundos dos recursos visuais e sonoros que contribuem para

uma reelaboração de sentidos e para o próprio andamento do filme. Os ruídos, a música, detalhes importantes de uma imagem, são alguns dos recursos utilizados pelo diretor para contar a história ou chamar a atenção para algo que considere importante para a construção de sentidos dentro da narrativa fílmica.

O estudo em torno da obra de Branagh pretende observar como se dá a representação do feminino através da personagem Elizabeth. Na apreciação da representação da figura feminina na obra não poderemos desconsiderar o fato de que o filme trata-se de uma “transcrição” no que diz respeito à



personagem, devemos observar os códigos utilizados para a sua construção em uma e outra obra – a literária e a cinematográfica - observando quais aspectos da personagem se preservaram, quais não permaneceram e quais sofreram alterações na transposição, dessa personagem, da narrativa literária para a narrativa fílmica.

Sabemos que além das imagens visuais, o cineasta vale-se de inúmeros outros recursos para construir sua narrativa e moldar suas personagens, esses recursos vão da disposição dos objetos em cena e figurino à montagem. Para acentuar aspectos relevantes a respeito das personagens o cineasta utiliza recursos como: detalhes de indumentária, uso de cores e recursos de close-up entre outros elementos específicos do cinema como a disposição das câmeras, montagem e ritmo de imagem. A soma desses signos determina o significado de um elemento final.

De acordo com Diniz (1999) o tradutor tem liberdade para modificar uma situação de cena, do texto para o filme, ampliando-a ou reduzindo-a ou ainda pode escolher representá-la por meio de outros instrumentos

simbólicos a fim de torná-la mais exótica ou amenizá-la, dependendo de suas intenções. Essas modificações visam atender às necessidades do gênero cinema. Em sua obra, Branagh não ignora a visão da autora da obra literária sobre a mulher, o diretor mostra-se sensível ao ponto de vista da autora captando aspectos significativos sobre esse ponto de vista a respeito da maternidade, como poderemos verificar mais adiante.

## **2 ELIZABETH: ENTRE A MATERNIDADE E A SEXUALIDADE**

Na obra de Branagh, a personagem Elizabeth encontra-se entre a representação do objeto de desejo e da maternidade, em ambos os casos a imagem da mulher reflete um ponto de vista masculino. De acordo com Judith Butler (2003) as representações são “termos operacionais” que buscam “estender visibilidade e legitimidade às mulheres”. Entretanto, o próprio sujeito das mulheres não pode ser entendido por esse processo visto que é oriundo de um procedimento de significação masculino.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Embora baseado em uma obra de autoria feminina, não podemos desconsiderar o fato de que o filme *Frankenstein de Mary Shelley* é fruto de uma visão masculina posto que a direção deve-se à Kenneth Branagh. Além disso, segundo Ann Kaplan (1995 p.33) “o cinema dominante tira partido do ato de olhar”. Esse olhar sendo predominantemente masculino é responsável pela construção de uma imagem fetichizada da mulher.

De acordo com a teórica, acima citada: “os signos do cinema hollywoodiano estão carregados de uma ideologia patriarcal que sustenta nossas estruturas sociais e que constrói a mulher de maneira específica.” (KAPLAN, 1995, p. 45) Essa “construção” da mulher é resultado dos procedimentos de significação masculina que refletem os valores do patriarcado.

Kaplan afirma que a imagem da mulher no cinema é sexualizada, sendo construída a partir de um olhar masculino o feminino ocupa o lugar de objeto do desejo e do olhar do outro. Enquanto objeto diante da tela essa imagem ativa os mecanismos de fetichismo e voyeurismo que, segundo Freud, são “perversões praticadas

principalmente por homens” (FREUD apud KAPLAN, 1995, p. 33) Por outro lado, o fetichismo, em relação à mulher no cinema, não se limita ao aspecto erotizado do objeto feminino, mas também a representação da maternidade. Nesse ponto, a maternidade tende a reproduzir os valores patriarcais que constroem a imagem da figura materna baseada nas fantasias e medos edipianos masculinos.

No filme de Branagh, entretanto, a maternidade é construída como resultado de duas visões: a masculina e a feminina. Sensível ao ponto de vista da autora da obra literária, o diretor da narrativa fílmica constrói uma imagem da maternidade ligada à morte relacionando diretamente o nascimento de William à morte da mãe. Obedecendo ao apelo de Caroline o médico Frankenstein – pai – sacrifica a vida da esposa para salvar a vida do filho que está nascendo. Para compor a cena, o diretor cria um ambiente de agitação através do movimento das parteiras e dos gritos de Caroline, que são ouvidos por Victor e Elizabeth em outra parte da mansão. Outro aspecto importante é o contraste de cores nas



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vestes da própria Caroline, seu traje branco exibe uma enorme nódoa de sangue que representa sua morte. Essa mancha de sangue, que também simboliza a tragédia familiar, irá se espalhar pela vida de Victor ao longo de toda a sua trajetória até o desfecho final da narrativa eliminando a tranquilidade inicial. O aspecto da maternidade relacionado à morte é um tema recorrente em toda a extensão da obra de Mary Shelley.

Após a morte da matriarca, no filme, cabe a Elizabeth assumir o papel da mãe, tomando para si a responsabilidade pelos cuidados com William, a casa e o resto da família. Assim, como é concebida no patriarcado, a maternidade suscita sacrifícios que a mulher deve ser capaz de fazer para cuidar do outro sem, contudo, perceber as dimensões do próprio sacrifício. Esse aspecto da maternidade contribui para a manutenção do papel submisso da mulher que, preocupada em cuidar do outro desconhece o próprio desejo. O desejo de Elizabeth é o desejo de Frankenstein, suas atitudes são direcionadas por esse desejo, o desejo de casarem-se e serem felizes.

A relação entre Elizabeth e Frankenstein quando esta assume o papel de mãe e mulher desejada representa o complexo de Édipo que, segundo Ann Kapla “é a pedra fundamental para a teoria psicanalítica da qual dependem todos os outros fenômenos relevantes para a teoria do cinema” (KAPLAN, 1995, p. 31). Essa relação ainda assume o aspecto de melodrama familiar conduzido pelo desejo e a impossibilidade do casamento. Embora aparentemente nada obstrua a união dos amantes, Victor sente-se coagido pelo monstro e culpado por tê-lo criado, e essa culpa o afasta de Elizabeth.

Podemos ver também como o melodrama familiar, um gênero destinado especificamente para mulheres, funciona tanto para por à mostra as restrições e as limitações que a família nuclear capitalista impõe à mulher, quanto para “educar” as mulheres a aceitar essas restrições como “naturais”, inevitáveis – como “devido”. Porque parte do que define o melodrama familiar como forma é seu interesse explícito por questões edípicas. (KAPLAN, 1995, p. 46. Grifos da autora).

É Elizabeth quem, após a partida de Victor, para estudar fora, o resgata de sua própria insanidade indo à procura do amado, em seu laboratório, e estando presente quando o cientista desperta do colapso



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

provocado pelo pavor de ter criado um mostro. Para representar a importância da presença de Elizabeth para o protagonista, o cineasta utiliza recursos de iluminação cobrindo o protagonista com um fecho de luz enquanto a câmera se aproxima em close. Frankenstein é despertado pelo som do piano onde Elizabeth toca a música tema do casal.

O encontro de ambos após o despertar de Victor Frankenstein também acontece sobre um fecho de luz que contrasta com a realidade sombria vivida por Victor até aquele instante. Entretanto nesse momento, a imagem da mãe protetora assumida por Elizabeth na cena anterior - em que ela preocupada com a saúde de Victor lhe pede que regresse à casa do pai - é substituída pela imagem da mulher amada e Elizabeth assume então o papel de objeto de desejo.

O papel de objeto é atribuído à Elizabeth desde sua primeira aparição, no filme, quando ainda criança é apresentada a Victor Frankenstein como uma órfã que precisa de cuidados. Sua vulnerabilidade é representada pelo aspecto econômico traduzido na narrativa fílmica através do contraste entre as vestes luxuosas de

Victor e a indumentária humilde de Elizabeth. O caráter de vulnerabilidade corresponde a um dos aspectos que contribuí para a fetichização da mulher como objeto erótico, segundo Ann Kaplan:

Feita para funcionar como objeto erótico, a mulher deve sacrificar seu desejo em favor do desejo masculino. Ou seja, submetendo-se às suas Leis, ela ajuda a manutenção do patriarcado. As mulheres vulneráveis tanto economicamente quanto sexualmente, [...] precisam que certo tipo de homem as proteja de sua própria vulnerabilidade a outro tipo de homem (KAPLAN, 1995, p. 20 Grifo da autora).

É importante observarmos que o aspecto de vulnerabilidade que prevalece na personagem da cinematografia é o aspecto sexual, ao longo da narrativa fílmica ela é fortemente representada como objeto de desejo. Outro caráter relevante na personagem é o fato de que, na obra de Mary Shelley, Elizabeth é dada como presente a Victor por Caroline, sua mãe: “- Tenho um belo presente para meu Victor. Será dado amanhã” (SHELLEY, 2001, p. 48). A definição de Elizabeth como “presente” faz da personagem tanto objeto de posse, quanto dádiva divina na vida do protagonista e pode ser identificado na origem do nome Elizabeth:



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O nome Elizabeth vem do hebraico Elizabeth, “Deus dá”, ou Elischeba, “consagrada a Deus”. Considerado como a antiga forma do nome Isabel, “casta”. A virgem Elizabeth seria com uma dádiva de Deus (BARRETO, 2002, p. 223, grifos da autora).

De fato, Elizabeth representa, tanto na obra de Shelley quanto no filme de Branagh, uma "dádiva" que traz a esperança de felicidade para o protagonista. Essa esperança é representada na narrativa fílmica através da presença de luz, como foi exposto anteriormente, no momento em que as personagens se reencontram no laboratório de Victor Frankenstein. A esperança de felicidade por meio da realização do desejo sexual choca-se com o prenúncio de morte, apontados simbolicamente em uma única cena através da personagem Elizabeth quando esta, pela primeira vez, entra em conflito com Victor devido a seu projeto macabro. Na cena, Elizabeth veste um vestido de vermelho intenso, ressaltado pela aparência desbotada das outras cores a sua volta tendo atrás de si um biombo e uma peça de roupa. Enquanto o vermelho simboliza a morte trágica da personagem o biombo e a peça de roupa podem representar o aspecto sexual, pois o biombo

representa o lugar onde se realiza o ato de despir e se oculta a nudez, que pode ser facilmente revelada contornando o biombo.

Se considerarmos o caráter ambivalente que a cor vermelha representa, poderemos concluir que o traje da personagem contribui para a sua representação como objeto erótico, visto que, o vermelho também simboliza paixão ardente, calor e desejo. Pelo conjunto de elementos disposto em cena é possível afirmar que a personagem assume uma das formas mais latentes de representação do ideal masculino de mulher, a mulher sexualizada. Por outro lado, a postura de Elizabeth assume o aspecto de submissão, ela implora a Victor que abandone seu projeto e regresse à casa do pai. A respeito da submissão afirma Barreto, no patriarcado, “o casamento e a reprodução devem efetivar-se com a mulher que se pode dominar.” (BARRETO, 2002, p. 225).

Do lado oposto da cena, Victor Frankenstein é representado tendo atrás de si o laboratório onde desenvolve seu projeto. Nesse caso, além de refletir seu futuro sombrio, o laboratório representa o trabalho e a criação divina posto que Victor, qual



um Deus dará vida a sua criatura. Segundo Barreto: “É a partir da história bíblica da criação, que a mulher passa a ser definida pela sexualidade e o homem pelo trabalho” (BARRETO, 2002, p. 222). Portanto, enquanto, de um lado da cena Elizabeth representa simultaneamente maternidade e sexualidade, Victor Frankenstein, do outro lado, o trabalho e o poder sobre a vida.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Definida pela sexualidade e pela maternidade a personagem Elizabeth desempenha o papel ora de mãe extremada, ora de objeto de desejo colocando-se no “entre lugar” entre os dois fetiches de ideal masculino do feminino. O desejo de Victor pela mulher e pela mãe é claramente representado no desfecho da obra quando este “reconstrói” Elizabeth após ter sido assassinada pelo monstro. Ao dar vida à mulher amada ele tenta realizar o desejo de ressuscitar a mãe cuja morte não foi superada pelo protagonista. Entretanto, no momento em que Elizabeth percebe-se vítima da insanidade de Victor opta pela fuga através da morte.

Em uma atitude trágica e chocante a personagem incendeia o próprio corpo e atira-se do alto da torre em que se encontra. Em um dos raros momentos da obra cinematográfica em que a personagem torna-se foco central da narrativa, assumindo o papel de sujeito. Elizabeth mostra-se consciente de sua condição de passividade ao perceber no corpo as marcas do desejo imparcial de Frankenstein que lhe fez monstro contra sua vontade. Ao negar a figura do monstro, eliminando a própria vida, a personagem assume a condição de sujeito senhor do seu destino.

### **REFERÊNCIAS**

BARRETO, Júnia, “A mulher é o monstro: do mito de Lilith ao drama de Victor Hugo e o cinema de Babenco e Piglia”, In: Gêneros e representações em literaturas de línguas românicas, Constância Lima Duarte, Graciele Ravetti, Marcos Antonio Alexandre (org), Belo Horizonte, Departamento de Letras-Românicas, UFMG, 2002, col. Mulher & Literatura, v.5.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BUTLER, Judith, Problemas de gênero: feminino e subversão da identidade, tradução de Renato Aguiar, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2003.

CUNHA, Renato, Cinematizações: idéias sobre literatura e cinema, Brasília, Circulo de Brasília, 2007.

FANON, Franz, Pele negra máscara branca, tradução de Adriano Caldas, Rio de Janeiro, Fator, 1983.

FLORES NOGUEIRA DINIZ, Thais, Literatura e cinema; da semiótica à tradução cultural, Ouro Preto, Editora UFOP, 1999.

GUIMARÃES, César, Imagens da memória: entre o legível e o visível, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1997.

KAPLAN, Ann, A mulher e o cinema: os dois lados da câmera, tradução de Helen Márcia Potter Pessoa, Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

LEXIKON, Herder, Dicionário de Símbolos/ Herder Lexikon, trad. Erlon José Paschoal, São Paulo, Cultrix, 2002.

SHELLEY, Mary, “Frankenstein”, in Frankenstein; Drácula; O médico o monstro, tradução de Adriana Lisboa, Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.

Material eletrônico

[http://www.cinemaemcena.com.br/FICHA\\_FILME.ASPX?ID\\_FILME=1332&aba=detalhe](http://www.cinemaemcena.com.br/FICHA_FILME.ASPX?ID_FILME=1332&aba=detalhe). Acesso em 26/11/09 as 15:50

Filmografia

BRANAGH, Kenneth, Frankenstein (“Mary Shelley’s Frankenstein”), EUA, 1994.